

A EDIÇÃO CRÍTICA DOS SONETOS DE BASÍLIO DA GAMA

— PERSPECTIVAS *

A edição crítica dos sonetos de Basílio da Gama que vimos preparando, sendo apenas uma parte — e até não muito significativa, nem em quantidade nem em qualidade — da obra do autor, pode servir bem para dar conta de duas coisas: por um lado, do estado lamentável em que se encontra ainda a edição da poesia do mineiro; por outro, das novidades que o conjunto da edição crítica — coordenado pela Prof.^a Vânia Chaves — virá trazer.

As causas da primeira situação são difíceis de explicar, sobretudo se pensarmos que a investigação universitária, designadamente nos últimos 15 anos, vem demonstrando algum interesse pela obra basiliana. No plano concreto da edição de textos, daí resultou até um recente trabalho: as *Obras Poéticas de Basílio da Gama*, organizadas por Ivan Teixeira¹. Infelizmente, contudo, trata-se de uma espécie de reedição da colectânea que José Veríssimo publicou em 1920², pelo que o seu principal mérito resulta do facto de ter voltado a colocar em circulação a obra do poeta mineiro. Apesar disso, a edição de Teixeira supera a de Veríssimo, até porque utiliza novos testemunhos entretanto revelados e o faz de forma cui-

* Comunicação apresentada ao *Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil*, realizado na Universidade de Évora, entre 8 e 13 de Maio de 2000.

¹ *Obras Poéticas de Basílio da Gama — Ensaio e edição crítica*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

² *Obras Poéticas de José Basílio da Gama, precedidas de uma biografia crítica e estudo literário do poeta*, Rio de Janeiro / Paris, Garnier, s. d. [1920].

dada, representando assim algum avanço, sobretudo no domínio do apuramento textual dos poemas mais difundidos. De qualquer das formas, ficou muito longe do estatuto de edição crítica prometido no título. Antes de mais porque o seu organizador se limitou, conforme declara, «por estratégia de trabalho, ao *corpus* estabelecido por Norberto³ / Veríssimo», não operando «nenhum expurgo de atribuição indevida ou acréscimo de inédito com autoria comprovada» (p. 183). Parece-nos de facto injustificável que Teixeira tenha seguido a edição de José Veríssimo no que respeita ao estabelecimento do *corpus*, na medida em que há uma série considerável de textos menores — tanto dos publicados em vida de Basílio quanto dos publicados postumamente, inclusive pelo próprio Veríssimo — em relação aos quais os testemunhos de atribuição são insuficientes ou discordantes, exigindo assim um estudo pormenorizado que poderia levar à exclusão de alguns deles ou à sua remissão para um apêndice. Por outro lado, também não nos parece aceitável que poemas dados a conhecer depois da edição de 1920 — alguns dos quais impressos em vida do poeta e sem quaisquer dúvidas de atribuição — tenham sido excluídos pelo novo editor. Num outro plano, também não entendemos que uma edição apresentada como crítica despreze em muitos casos as versões manuscritas de textos publicados postumamente, ou considere apenas as que Veríssimo seguiu. Por último, o modelo e a forma de apresentação daquilo que deveria ser uma aparato crítico suscitam também muitas reservas. Em conclusão, parece-nos que a observação feita por Ivan Teixeira segundo a qual «o poeta anda mal editado» (p. 185), continua a ser verdadeira, como agora tentaremos mostrar de forma exemplificativa, focando, a partir do nosso projecto de edição crítica, uma parte específica do *corpus* basiliano — os sonetos.

Começemos por ver o número de textos em causa. Tanto Veríssimo como Teixeira editaram um total de 27 sonetos (a que se junta ainda a réplica anónima a um deles). Logo aqui surge a primeira grande novidade trazida pelo nosso projecto: de acordo com a *recensio* em que se apoia, estarão em discussão 53 poemas. O nosso trabalho incluirá ainda um total de 11 réplicas, a maior parte das quais inédita. O ponto de partida desta

³ O autor refere-se a um conjunto de apontamentos biobibliográficos e de documentos destinados a uma edição das obras de Basílio que Joaquim Norberto de Sousa Silva não chegaria a publicar. Esse material está hoje depositado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro.

recensio foi a dissertação de doutoramento de Vânia Chaves⁴, depois enriquecida com novos elementos colhidos por nós, todos respeitantes a testemunhos manuscritos. Apesar do cuidado posto na sua elaboração, nada garante que se trate de um levantamento de carácter definitivo.

A partir das informações da *recensio* já é possível perceber os contornos que terá esta parte da edição crítica da poesia de Basílio da Gama. O *corpus* seguro, isto é, que não coloca problemas de autoria, será constituído por 32 sonetos, agrupáveis — quanto à transmissão — do seguinte modo: 29 impressos e 3 manuscritos, inéditos portanto. A divisão dos impressos estrutura-se assim: I. Publicados em vida do autor: a) Em edição própria — 5; b) Em edição colectiva — 5; II. Publicados postumamente — 19.

Relativamente aos 10 sonetos publicados em vida do autor que inventariámos, convém notar que 5 deles não constam das edições de Veríssimo e Teixeira e que 4 destes últimos nunca foram reeditados. São eles:

— «Enfim juraste, e foi nos Céus ouvido», um soneto alusivo à aclamação de D. Maria I, em 1777, de que Vânia Chaves descobriu uma edição avulsa não datada;

— «Se in tal dì, che i suoi raggi il Sol d'orrore», um piedoso soneto por onde perpassam também as saudades da terra natal, encontrado por Vânia Chaves numa publicação colectiva saída em Roma em 1764;

— «Não é engano da fecunda ideia», alusivo à representação no Teatro do Bairro Alto d' *O Hipócrita* de Molière, saído numa edição avulsa não datada e constando anónimo de duas miscelâneas da época, uma impressa e outra manuscrita;

— «Monsieur sutá, eu quero uma piruca», incluído sem indicação de autoria numa miscelânea de 1789, mas transmitido também por dois testemunhos manuscritos, num dos quais figura anónimo, ao passo que o outro o dá como sendo de Basílio. Trata-se de um curioso soneto satírico contra o Padre Macedo, o principal alvo da animada contenda poética em torno da cantora veneziana Anna Zamperini.

Mas, para além destas novidades relativamente aos sonetos editados em vida do autor, a nossa edição trará também elementos importantes de

⁴ “*O Uruguay*” e a *Fundação da Literatura Brasileira — Um caso de diálogo textual*, 2 vols., Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1990.

outro tipo. Em primeiro lugar, como será o caso do soneto «Questa è de' Fiumi la superba imago», permitirá a correcção de erros de transcrição cometidos pelos dois editores modernos, Enio Aloisio Fonda e Hélio Lopes. Por outro lado, incluirá a anotação dos poemas — tarefa ignorada pelos editores precedentes —, contribuindo assim para a sua melhor compreensão. Daremos apenas um exemplo. O soneto «Domador do Bucéfalo arrogante», dedicado à inauguração da estátua equestre de D. José, contém uma epígrafe de Quinto Cúrcio que nunca mereceu a atenção dos comentadores. Teremos oportunidade de esclarecer que se trata da tradução, adaptada, de uma passagem de *Historiae Alexandri Magni Macedonis* — concretamente III, 12, 15-17 —, o que poderá representar um elemento de certo interesse para a avaliação da formação de Basílio. Por outro lado ainda, para um soneto como «Amo o Grego Cantor, gosto de ouvi-lo» — de que apresentaremos um grande número de testemunhos manuscritos até agora desconsiderados —, a nossa edição dará conta de várias réplicas inéditas, como por exemplo esta:

Resposta ao antecedente, pelos mesmos consoantes

Meu autor J. ou B. pouco de ouvi-lo
 Teu Soneto gostei, mais duro que aço;
 Para falar, observa mais espaço,
 Que em ti a presunção tem muito asilo;

O Pina a quem arguis pedante estilo,
 Responde: nem um caso de ti faço;
 Matos: se não entendo aos mais com Tasso,
 Obro melhor que tu do Tejo ao Nilo;

Quem tão lince te fez sendo tão cego?
 A dar-te sota e ás o tal Albano,
 Sobra-lhe a natureza que a ti nego;

Não te enfronhe o Francês e Italiano,
 E se tal sabes é pior, pois Grego
 Só falar te conhecem todo o ano.

Quanto aos 19 sonetos publicados postumamente, a nossa edição trará 3 que não constam das antologias de Veríssimo e Teixeira. Trata-se de poemas revelados na última metade deste século: «Enquanto de Trom-

betas e Tambores», publicado por Henrique de Campos Ferreira Lima em 1943; «Enquanto a Fúria que do abismo veio», dado a conhecer em 1959 por Ângelo Pereira; e «Como estás, Regedor alapardado?», editado por Fernando da Rocha Peres em 1973. Mas, também neste sector, a nossa edição não será uma mera reedição, dado que para o primeiro texto trabalharemos com dois novos testemunhos manuscritos, ao passo que para o último usaremos uma outra versão manuscrita que tivemos oportunidade de encontrar.

Entre as outras novidades que resultarão desta parte do nosso trabalho gostaríamos de referir uma que diz respeito ao soneto «Poeta Português, bem que eloquente», em que o autor defende o Marquês de Pombal depois da sua queda. A primeira publicação, ocorrida em 1901, deve-se a Teófilo Braga, tendo servido de base às edições de Veríssimo e Teixeira. Identificado o testemunho manuscrito que serviu de base ao estudioso açoriano, verificámos um lapso grave no v. 12: enquanto o manuscrito traz «Não cortes o vassalo, que é vileza», Braga e seus continuadores registaram «Não cortes, ó vassalo, que é vileza», lição que aliás o contexto revela inadequada:

Não cortes, *ó vassalo*, que é vileza
Celebrar um vassalo por indigno
Quando achou no seu Rei tanta grandeza.

Ainda em relação a este soneto apresentaremos uma interessante réplica anónima, até agora inédita:

Resposta pelos mesmos consoantes

Ao soneto, ó Basílio, de eloquente
Não posso dar o nome, pois recitas
Com paixão versos tais, nos quais imitas
Quem sábio nunca foi nem foi prudente;

Se dizes que o Marquês era insolente
E que as suas acções foram malditas,
Não procures defesas esquisitas,
Pois mostras ser como ele, delinquente;

Não se pode chamar sujeito digno,
Como tu sabes, quem com tal fereza
Abusou do poder de um Rei benigno;

Os teus versos suspende, que é vileza
Disculpar esse bruto e monstro indigno,
Horror da pequenez e da grandeza.

Os 3 sonetos inéditos de autoria basílica segura são «Cuidei que a Academia se tornasse», «Satírico Plebeu, que premeditas» e «Satírico infeliz, em vão criminas», os dois primeiros descobertos por Vânia Chaves e o último por nós, que aqui daremos a conhecer pela primeira vez:

Resposta do precedente

Satírico infeliz, em vão criminas
Do Povo alegre a amável liberdade,
Que calado até aqui, sem igualdade
Do Tirano sofreu unhas ferinas.

Já debalde Ministro imaginas
Para pôr em despique a Majestade,
Que o separou de si com brevidade,
Dando-lhe às culpas penas mui benignas.

Não é tumulto, é gosto inesperado;
Estas vozes do Povo pregoeiro
Não alteram dos Príncipes o cuidado.

Cal-te, insolente vil, cal-te embusteiro,
Pois é menos falar contra um culpado
Do que satirizar dum Povo inteiro.

Depois destes 32 sonetos de autoria segura, a nossa edição terá um anexo reservado aos 9 que consideramos de autoria duvidosa. Neste grupo há dois casos diferentes.

O primeiro diz respeito aos textos cuja prova de autoria nos parece insuficiente. Começamos por ver o soneto «Se eu beijo a praia e vos penduro o voto». Trata-se de um poema sem testemunhos manuscritos conhecidos, inicialmente saído como anónimo em duas publicações colectivas de 1789 (ainda em vida de Basílio, portanto) e que viria a ser reeditado em nome do poeta mineiro por Januário da Cunha Barbosa no seu *Parnazo Brasileiro* (1830) e assim acolhido nas edições de Veríssimo e Teixeira. Temos depois 6 sonetos, que nós publicamos em nome de Basílio

em 1997⁵: «As noutes passo triste, passo os dias», «Morrendo triste, vivo nesta aldeia», «Se pretendo queixar-me da pastora», «Ancela, Ancela, deixa-me querer-te», «Tu, pastora, nasceste de alta esfera» e «És mulher, não te culpo, vai-te embora!». Figurando consecutivamente numa miscelânea manuscrita que recolhe poemas de autores da segunda metade do século XVIII, todos eles ostentam como indicação de autoria a abreviatura «B.^o», o que, embora pareça não poder apontar para outro autor, não constitui uma garantia absoluta. Optaremos assim por relegá-los para a secção dos sonetos de autoria duvidosa.

O segundo grupo inclui 2 poemas: «Enquanto o Potekim o Turco aterra» (acolhido nas edições de Veríssimo e Teixeira) e «Ontem, nessa Cadeira da Verdade» (dado a conhecer por António Cirurgião em 1974, a partir de um manuscrito da Torre do Tombo, a que a nossa edição acrescentará 11 novos testemunhos manuscritos). A dúvida relativa a estes dois textos é de outro tipo, na medida em que as indicações de autoria constantes dos testemunhos arrolados apontam para autores diferentes: no primeiro soneto, o outro possível autor é Nicolau Tolentino, ao passo que no segundo se trata de António Lobo de Carvalho, ambos poetas contemporâneos de Basílio. Em ambos os casos o conjunto dos testemunhos não permite tomar uma decisão segura em matéria de autoria.

Por fim, temos 12 sonetos excluídos.

O expurgo de 7 deles é particularmente pacífico. Está nesse grupo o soneto «Alegre pintassilgo, flor vivente», que, apesar de várias vezes publicado em nome de Basílio, não lhe pertence, dado que vem no tomo I de *A Fenis Renascida* (1716) atribuído a André Rodrigues de Matos. Caso semelhante é o de «Temam embora a morte os que aferrados», que, apesar de atribuído a Basílio no tomo III da *Collecção de Poesias Ineditas* (1811) — o que justificaria a sua inclusão nas edições de Veríssimo e Teixeira —, saíra em 1775 no tomo II das *Rimas* de João Xavier de Matos. A publicação dos restantes 5 em nome de Basílio resultou de um erro nosso, que entretanto já tínhamos tido oportunidade de corrigir⁶. O primeiro, «Eu vi Amor a militar armado», como confirmámos através de outros testemunhos manuscritos que descobrimos mais recentemente, pertence com toda a

⁵ A versão corrigida do artigo em causa está publicada em *Quatro Poetas Brasileiros do Período Colonial — Estudos sobre Gregório de Matos, Basílio da Gama, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga*, Porto, Edição do Autor, 1998.

⁶ No trabalho citado na nota anterior.

segurança ao carioca João Pereira da Silva. Os outros 4 são: «Se eu tão rico me visse que encerrasse», «Nereidas que habitais a veia pura», «Brilha em teus lindos olhos vencedores» e «Quantas vezes, Senhor, pulsando a Lira». Na altura em que os publicámos em nome de Basílio disserámos que a indicação de autoria constava de «J. B. da G.^a» e que nos oferecia algumas dúvidas. Mais tarde, e tendo tido oportunidade, graças à colaboração de Vânia Chaves, de consultar novamente os testemunhos manuscritos em causa, verificámos que a última consoante não era um G, havendo algumas possibilidades de se tratar de um S. Seja como for, não restam dúvidas de que os poemas não pertencem ao mineiro.

Quanto aos 5 remanescentes, os motivos da exclusão também são bastante pacíficos. O caso mais evidente será o de «Rompe as asas veloz fendendo os ares». Apesar de incluído nas edições de Veríssimo e Teixeira, figura anónimo em ambos os testemunhos — um impresso e outro manuscrito — que o veiculam. Também bastante claro nos parece o caso de «Odre de vento, Pinto desasado». Transmitido por 3 testemunhos — 1 impresso e 2 manuscritos —, é atribuído em 2 deles a António Lobo de Carvalho, havendo apenas 1 manuscrito que o dá como sendo de Basílio. Acresce que se trata de um soneto satírico dirigido contra Pedro Caetano Pinto de Morais Sarmiento, que era membro do grupo da Ribeira das Naus. Ora o poeta mineiro também fazia parte desse grupo, o que torna a hipótese da sua autoria ainda mais improvável. Igualmente pacífica nos parece a exclusão do inédito «Que diabo de choro ou de lamento». Veiculado por 5 testemunhos manuscritos, só vem atribuído a Basílio num deles, havendo 2 que o dão como sendo de Lobo, ao passo que os 2 restantes não apresentam indicação de autoria. Quanto a «Entrava aflita nos celestes paços» — incluído nas edições de Veríssimo e Teixeira —, a transmissão inclui 4 testemunhos, 2 impressos e 2 manuscritos, sendo que apenas o impresso mais recente (o *Parnazo Brasileiro* de Cunha Barbosa) o atribui a Basílio. No outro impresso, de 1775, o soneto vem anónimo — ainda que Inocêncio tenha dito que ele pertence a Caldas Barbosa —, o mesmo acontecendo num dos manuscritos, ao passo que o outro dá o soneto como sendo de Seixas Brandão. O último caso é o do texto começado pelo verso «O químico infernal drogas malditas», também acolhido nas edições de Veríssimo e Teixeira. Esta é uma situação mais complexa, até porque o texto é transmitido por um número elevado de testemunhos, 15: 4 impressos (2 que o atribuem a Basílio, 1 a Nicolau Tolentino ao passo que o outro admite a hipótese de o autor ser qualquer dos dois ou ainda António

Lobo de Carvalho) e 11 manuscritos (dos quais 3 o atribuem a Basílio, 3 a Lobo, 1 a Bocage, enquanto que nos outros 4 o texto vem sem indicação de autoria). Perante este panorama, parece-nos que não estão reunidas as condições para que o soneto possa ser integrado no cânone basiliano.

São estas, em síntese, as perspectivas da parte da edição crítica da obra de Basílio da Gama por que somos responsáveis. Cremos que a nossa exposição terá deixado claras as novidades que o nosso trabalho irá trazer e o modo como contribuirá para que sejam ultrapassadas as graves deficiências das edições existentes.

Francisco Topa